

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA DE GEISEL E O LUSOTROPICALISMO NO PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO ANGOLANO EM “A GERAÇÃO DA UTOPIA” DE PEPETELA

Me. Justine Prinstrop

Universidade Feevale

justinepprinstrop@hotmail.com

Dr. Rodrigo Perla Martins

Universidade Feevale

rodrigomartins@feevale.br

**Resumo:** este trabalho tem como intuito analisar a relação entre Brasil, Portugal e Angola durante o governo de Ernesto Geisel (1974 – 79), período que comporta a Revolução dos Cravos (25 de abril de 1974) e a independência de Angola (11 de novembro de 1975), através da obra “A Geração da Utopia” do autor angolano Pepetela, relacionando Literatura e História. Através destas discussões, este trabalho também apresenta o conceito de lusotropicalismo, desenvolvido pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, que aborda a relação de Portugal com os trópicos.

**Palavras-chave:** Lusotropicalismo. Portugal. Angola.

**Abstract:** this work intends to analyze the relationship between Brazil, Portugal and Angola during the government of Ernesto Geisel (1974 - 79), a period that includes the Carnation Revolution (April 25, 1974) and the independence of Angola (November 11, 1974) 1975), through the work “A Geração da Utopia” by the Angolan author Pepetela, relating Literature and History. Through these discussions, this work also presents the concept of lusotropicalism, developed by the Brazilian sociologist Gilberto Freyre, who addresses Portugal's relationship with the tropics.

**Keywords:** Lusotropicalism. Portugal. Angola.

## 1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa de natureza básica, com método dialético e indutivo, exploratória e explicativa quanto aos objetivos, bibliográfica e documental quanto aos procedimentos técnicos e de abordagem qualitativa. A metodologia toma por base o método historiográfico, ou seja, prevê a coleta e análise de múltiplos tipos de documentos a fim de construir uma narrativa

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

que explique o encadeamento dos eventos e seus contextos. Ressalta-se ainda a possibilidade de realização de entrevistas e utilização de história oral.

Este trabalho busca inserir a obra “A Geração da Utopia” do autor angolano Pepetela no contexto do lusotropicalismo, conceito desenvolvido pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, que visava a ampliação dos laços entre Portugal e suas colônias. Sendo assim, contextualiza historicamente as relações entre Brasil – Portugal – Angola, cada qual vivendo um momento específico de sua história; o Brasil, sob o governo ditatorial de Ernesto Geisel (1974 – 1979), Portugal vivendo o fim da ditadura salazarista com a Revolução dos Cravos em 1974 e por fim, Angola, alcançando a tão almejada independência em 1975.

Analisar obras literárias e relacioná-las com a História sempre foi uma ação constante em minha formação, a compreensão de múltiplas estórias e realidades possíveis dentro de um contexto histórico torna-se mais acessível quando a percebemos dentro da Literatura, tendo suas obras como documentos históricos e relatos de seu tempo. Para Chartier (1999), existem duas formas possíveis de estabelecer relações entre Literatura e História: a primeira trata de levar em consideração o efeito de sentido dos textos como o resultado de uma fusão entre a invenção literária e entre o mundo social em que está inserida; a segunda, menos previsível e em oposição à primeira, está relacionada à presença de representações originais em obras literárias, levando os historiadores a se questionarem acerca dos pilares da “instituição literária”. As obras literárias do autor angolano Pepetela são um retrato visceral da sociedade angolana e de todos os desafios enfrentados por sua população para a consolidação de sua identidade nacional. Neste sentido, relacionam-se mais fidedignamente à segunda ideia de relação entre Literatura e História de Chartier.

A Geração da Utopia, no entanto, retrata a história angolana através da ótica de alguns jovens angolanos que vivem em Lisboa, sendo dividido em quatro partes: A casa (1961), A chana (1972), O polvo (abril de 1982) e O templo (a partir de julho de 1991). Cada uma das partes representa um período específico no processo de libertação nacional, sendo o primeiro o período embrionário, ou seja, a gênese ideológica; o segundo representando a guerrilha em si, que levaria à consolidação do processo revolucionário através da independência em 1975; os dois últimos capítulos são um retrato da decepção daqueles que foram protagonistas do processo revolucionário, deparando-se com a corrupção, a usura e a superficialidade do próprio movimento.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na obra ficam evidentes as relações entre colônia e metrópole, onde os jovens angolanos vão para Lisboa para completar seus estudos. A história portuguesa anda de mãos dadas com a história de suas colônias, e no capítulo inicial Portugal ainda vive sob a sombra do salazarismo e da linha dura da Pide, mas uma efervescência revolucionária já esboça suas primeiras fagulhas, assim como em Angola. A Revolução dos Cravos, em 1974, seria a peça chave para a concretização da independência angolana em 1975. Sendo assim, este trabalho visa a abordagem destas relações, buscando contextualizar historicamente os capítulos do livro, mas enfatizando os impactos da política portuguesa em Angola. Destaca-se também, os aspectos relacionados ao lusotropicalismo e as relações entre Brasil – Portugal – Angola através de ações diplomáticas e de políticas externas.

### **2 A GERAÇÃO DA UTOPIA E AS POLÍTICAS EXTERNAS PORTUGUESAS:**

Para Pesavento (2006), é necessária cautela por parte do historiador em utilizar a Literatura como fonte histórica, uma vez que esta se baseia no que poderia ter acontecido e que hoje é cada vez mais comum termos acesso a obras de historiadores que trabalham com o imaginário e que utilizam este “poderia ter acontecido” ou o “não acontecido” para recuperar algum evento que realmente aconteceu. Os personagens e as situações acontecem na “verdade do simbólico”, ou seja, podem retratar perfis semelhantes aos reais, mas não acontecem no mesmo plano, eles “são dotados de realidade porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida” (PESAVENTO, 2006, p. 3).

Considerando o conceito de “verdade do simbólico” apresentado por Pesavento (2006) ao analisarmos A Geração da Utopia nos deparamos com importantes alegorias propostas por Pepetela, trazendo a ideia de uma nação – e uma identidade nacional – em construção, das barreiras impostas pelo colonialismo e do desapontamento da geração da utopia com o que restou da revolução. Todos estes elementos são personificados nos personagens centrais da obra.

Sara, Malongo, Aníbal e Vítor Ramos são os protagonistas da história. Acompanhamos suas trajetórias durante os trinta anos descritos no livro. O capítulo inicial A Casa (1961) apresenta-os ainda jovens, vivendo em Lisboa, cada qual em busca de suas realizações pessoais. O ano que dá início ao livro é marcado por intensa agitação política em Portugal e em praticamente todas as nações imperialistas. Os movimentos emancipacionistas estavam ganhando protagonismo na Ásia e na África, colocando em xeque a hegemonia colonialista que

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

fora vigente até então; em meio à Guerra Fria, o Terceiro Mundo<sup>6</sup> ganhava voz cada vez mais ativa dentro da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas:

Sara, Malongo, Aníbal e Vítor Ramos são os protagonistas da história. Acompanhamos suas trajetórias durante os trinta anos descritos no livro. O capítulo inicial A Casa (1961) apresenta-os ainda jovens, vivendo em Lisboa, cada qual em busca de suas realizações pessoais. O ano que dá início ao livro é marcado por intensa agitação política em Portugal e em praticamente todos as nações imperialistas. Os movimentos emancipacionistas estavam ganhando protagonismo na Ásia e na África, colocando em xeque a hegemonia colonialista que fora vigente até então; em meio à Guerra Fria, o Terceiro Mundo<sup>6</sup> ganhava voz cada vez mais ativa dentro da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas:

Tal bloco começa a crescer e a ter voz bastante ativa na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, seria o responsável por uma articulação de uma violenta condenação da comunidade internacional à política colonial lusa, o que acabou por colocar o Estado português na defensiva (FREIXO, 2008, p. 129).

A Conferência de Bandung em 1955 foi um divisor de águas para os países “periféricos”, pois marcou o não-alinhamento dos países do Terceiro Mundo, uma ação geopolítica que os distanciava das duas grandes potências da Guerra Fria, mesmo que as nações tenham se autodeclarado socialistas, mas primando pelo conceito de autodeterminação dos povos. Em 1961, com a Conferência de Belgrado, o não-alinhamento oficializou-se, trazendo consigo uma série de princípios e fundamentos que embasariam o processo de descolonização das nações asiáticas e africanas.

O ano escolhido por Pepetela para iniciar o livro é emblemático, pois é o ano da Conferência de Belgrado e do estopim da efervescência política daquilo que a historiografia portuguesa chamou de “guerras coloniais” (Freixo, 2008). Uma forte onda nacionalista tomou conta das colônias, liderada por intelectuais locais que faziam parte das elites coloniais, os “assimilados” – com formação ocidental:

Portugal tinha criado uma classe-elite de africanos, muito reduzida, constituída por “assimilados” com privilégios que lhes permitiam participar na exploração de seus compatriotas, mas que, ao mesmo tempo, se obrigavam a presenciar no dia-a-dia a situação humilhante dos outros africanos e a brutal repressão de que estes eram vítimas. Não surpreende, nestas circunstâncias, que tivessem sido os “assimilados” educados a constituir a oposição política (FERREIRA, 1977, p. 43).

Os acontecimentos em Angola no início de 1961, encabeçados e postos em prática por uma organização chamada UPA, formada por um destes grupos de “assimilados” trazem grande

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

tensão às ruas lisboetas, marcando uma intensa repressão aos angolanos que lá viviam, principalmente através da vigilância constante da Pide. As notícias sobre a terra confundiam-se, os periódicos sensacionalistas tratavam os angolanos como terroristas, afirmando que o mais completo caos havia se instaurado em Angola:

As notícias enchiam as páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos (PEPETELA, 2000, p. 10).

Os personagens do livro vivenciam as mais distintas experiências pessoais neste capítulo: a gravidez de Sara, o insucesso de Malongo no futebol do Benfica, a deserção de Aníbal do exército para integrar a luta armada, o processo de adesão de Vítor Ramos ao movimento guerrilheiro. Todos estes momentos na vida de cada um são transpassados pela guerra colonial, que marca não só o coletivo como também a individualidade.

O segundo capítulo do livro intitulado A Chana (1972) está situado temporalmente três anos antes da independência de Angola e dois anos antes do evento mais decisivo para a sua conquista: a Revolução dos Cravos, que aconteceu em 25 de abril de 1974 e culminou no fim do regime salazarista.

Neste capítulo somos reapresentados a Vítor Ramos como Mundial e a Aníbal como Sábio, duas personalidades em constante confronto, assinalando a heterogeneidade dos grupos que participaram do processo revolucionário. O capítulo mostra a metamorfose dos personagens através da guerra, como Mundial se transforma em um homem superficial e corrupto, e como o Sábio, devido à sua extrema lucidez, é considerado um louco no pós-guerra, por transparecer seu mais completo desapontamento com os rumos tomados pela revolução que tanto idealizara.

Este é o capítulo mais emblemático da obra, pois representa metaforicamente a ideia central do livro, a subversão dos valores de liberdade, de autodeterminação, de socialismo e de utopia e a sua transformação em preceitos individualistas e contraditórios, pautados na busca de privilégios e na perpetuação de grupos hegemônicos no poder. No entanto, antes da consolidação da independência em 1975, ainda existia um foco de esperança na restauração da tradição, na consolidação da identidade nacional, metaforizado na figura do oásis em meio ao deserto:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

O homem é um ponto minúsculo na chana. O sol acabara de se erguer e perdeu o tom ensanguentado que guardara por momentos, depois de violar a noite. O homem já deixou atrás de si uma longa extensão do terreno, coberta apenas por capim. A mata, abandonada ao notar os primeiros alvares que lhe indicavam o Leste, ficou bastante longe, tomou mesmo o tom azulado da distância. Nada se apercebe à sua frente, além dum oceano de capim baixo chegando à altura dos joelhos. Mas ele sabe, lá onde finda a chana haverá árvores e sombra. No fundo duma chana há sempre árvores, bem como à direita ou à esquerda ou atrás; a chana é um mar interior, a única incerteza reside no tempo necessário para chegar à praia (PEPETELA, 2000, p. 143-4).

A concretização do movimento revolucionário pró-independência de Angola representado neste capítulo foi fortalecido graças ao afastamento de Salazar em 1968 do governo português por motivos de doença, culminando em seu falecimento em 1970. Quem assumiu o seu lugar foi Marcello Caetano, que enfrentou obstáculos internos para consolidar seu poder, para Freixo (2008), faltava a Caetano a habilidade de articular os interesses dos setores internos portugueses, da mesma maneira que Salazar, “apesar de tentar manter uma imagem reformista, a indefinição e a indecisão características de seu governo acabaram tanto desagradando os setores mais liberais, quanto gerando desconfiança dos setores mais à direita” (FREIXO, 2008, p. 135).

Todas estas questões internas e externas causaram insatisfação popular e dentro dos próprios setores hegemônicos do Estado Novo português, incluindo as Forças Armadas. A alta cúpula da hierarquia militar portuguesa mobilizou-se a favor da independência das colônias, criticando a intervenção militar; a crítica deu-se através do livro Portugal e o Futuro. Os responsáveis pela publicação do livro foram imediatamente afastados de seus cargos, causando um grande mal-estar na sociedade portuguesa, que auxiliou no aceleração de um golpe de Estado, que estava cada vez mais eminente.

Pouco depois da meia-noite do dia 25 de abril de 1974, a canção “Grândola, Vila Morena” era tocada na programação da Rádio Renascença, uma emissora católica de Lisboa. Estava dada a senha para o início da revolta que iria mudar os rumos de Portugal e que nos primeiros dias foi chamada de “Revolta dos Capitães”, para logo a seguir receber seu nome definitivo, “Revolução dos Cravos”, a flor de abril em Portugal (FREIXO, 2008, p. 135).

O capítulo O Polvo acontece em abril de 1982 e relata o exílio voluntário de Aníbal, o Sábio, em uma praia costeira de Angola; no epílogo do capítulo A Chana, Aníbal é dado como morto por Vítor Ramos. O Polvo apresenta sua introspecção e todo o seu descontentamento com os rumos tomados pelo movimento revolucionário, neste caso o MPLA. A alusão à figura do polvo diz respeito a uma criatura marinha que Aníbal tem como objetivo, matar. Por anos, o

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

personagem se prepara para esse momento e quando finalmente fica cara a cara com o animal, percebe que ele era muito menor do que ele imaginava.

Aníbal sobrevive graças à caça e à pesca praticada na região, além de receber uma pequena pensão pelo tempo de serviço prestado na revolução; seu modo de vida simples condiz com os princípios socialistas sustentados por ele durante toda a obra, antagonizando com a opulência e rápido enriquecimento dos antigos revolucionários, como é o caso de Vítor.

O cenário proposto por este capítulo apresenta uma total desconstrução do projeto de utopia gestado durante o projeto de independência, a corrupção do partido e a descontinuidade dos ideais defendidos pelos revolucionários, ofuscados pelos privilégios locais. A independência de Portugal trouxe à tona novos obstáculos às colônias, mas muitos dos problemas enfrentados já haviam sido gestados durante os anos de colonialismo e durante o processo de descolonização.

O último capítulo, O templo nos apresenta Malongo, agora um business man, bem-sucedido, ainda evitando envolvimento com a política, mesmo sendo grande amigo de Vítor Ramos, agora importante autoridade angolana. Vítor, Malongo e Elias idealizam e colocam em prática a Igreja da Alegria e da Esperança Dominus. Estes três personagens são a personificação das críticas de Aníbal, dos motivos do insucesso da revolução, principalmente no que diz respeito à superficialidade e à corrupção predominante no movimento pós-independência, utilizando o povo e sua fé para a manutenção de seus privilégios e do status quo.

Com a consolidação da Revolução dos Cravos e as medidas subsequentes de Portugal, o processo de independência das colônias portuguesas foi acelerado. No entanto, devido à heterogeneidade dos grupos que disputavam o poder na colônia angolana, uma intensa guerra civil se sucedeu no período pós-colonial, marcado por contradições internas e rivalidades tribelistas, fatores estes que serviram como obstáculo para a consolidação de instituições políticas democráticas e sólidas, “agravando seus graves problemas econômicos e sociais, com as feridas abertas durante o processo de descolonização somando-se àquelas deixadas pelo colonialismo” (FREIXO, 2008, p. 137).

Freixo (2008) aponta para o fato de que a instabilidade política nas colônias, embora oriunda das próprias contradições internas dos movimentos pró-independência, também está

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

relacionada a equívocos portugueses na condução do processo de descolonização pós-Revolução dos Cravos:

Com isto, alguns dos equívocos portugueses na condução do processo de descolonização acabariam contribuindo para o aumento das tensões e da instabilidade já existentes nas antigas áreas coloniais, como decorrência das disputas entre diferentes grupos que, via de regra, contavam com forte apoio externo, tanto das duas grandes potências, quanto de atores regionais, como a África do Sul, nos casos de Angola e Moçambique (FREIXO, 2008, p. 137).

Freixo (2008) aponta para o fato de que a instabilidade política nas colônias, embora oriunda das próprias contradições internas dos movimentos pró-independência, também está relacionada a equívocos portugueses na condução do processo de descolonização pós-Revolução dos Cravos:

Com isto, alguns dos equívocos portugueses na condução do processo de descolonização acabariam contribuindo para o aumento das tensões e da instabilidade já existentes nas antigas áreas coloniais, como decorrência das disputas entre diferentes grupos que, via de regra, contavam com forte apoio externo, tanto das duas grandes potências, quanto de atores regionais, como a África do Sul, nos casos de Angola e Moçambique (FREIXO, 2008, p. 137).

### **3 A GERAÇÃO DA UTOPIA E O LUSOTROPICALISMO:**

O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre foi o idealizador do conceito de lusotropicalismo, que aborda a relação de Portugal com os trópicos, evidenciando as vantagens da colonização portuguesa, enaltecendo o “espírito aventureiro” do português, “o termo sugeria que os portugueses possuíam uma maneira especial de viver nos trópicos, caracterizada pela mistura racial e pela afinidade com negros: o Brasil seria o melhor exemplo desse ideal lusotropical” (DÁVILA, 2011, p. 12). Para Freyre, português deu início a um “novo tipo de civilização”:

O que denominamos “civilização lusotropical” não é, biossocialmente considerada, senão isto: uma cultura e uma ordem social comuns à qual concorrem, pela interpenetração e acomodando-se a umas tantas uniformidades de comportamento do europeu e do descendente e do continuado do europeu nos trópicos - uniformidades fixadas pela experiência ou pela experimentação lusitana – homens e grupos de origens étnicas e de procedências culturais diversas. Vê-se assim que é um conceito, o sociológico, de civilização lusotropical, de cultura e de ordem social lusotropicalis, que ultrapassa o apenas político ou retórico ou sentimental de “comunidade lusobrasileira” (FREYRE, 1960, p 74).

Com o fim da Segunda Guerra e a efervescência nas colônias na luta pró-independência, Portugal acaba inserindo à sua agenda política a pauta do lusotropicalismo, na busca de resgatar

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

as glórias do passado e retomar sua hegemonia nas colônias. As relações diplomáticas entre Brasil, Portugal e as colônias portuguesas, especialmente em Angola, representam com clareza os fatores lusotropicalistas que serviram de base para a diplomacia destas nações.

Em 1975, primeiro ano de governo do general Ernesto Geisel, o diplomata brasileiro Ovídio de Melo e sua esposa Ivony, desembarcavam em Angola, para atuarem como intermediários entre Brasil e Angola em meio à guerra de independência, que seria concretizada alguns meses depois.

O casal encerrou um ciclo de encontros brasileiros com a África que começou quando o escritor brasileiro Gilberto Freyre, que viajou para Angola em 1961 como convidado das autoridades coloniais portuguesas, ergueu sua taça para comemorar os “futuros brasis”, que a seu ver, os colonialistas portugueses estavam criando (DÁVILA, 2006, p. 11).

As relações entre Brasil e Angola em *A Geração da Utopia* não estão em foco, uma vez que a discussão central da obra é a luta de libertação nacional de Angola, mas podem ser percebidas nos diálogos dos estudantes no capítulo *A Casa*, quando conversam sobre os vínculos entre portugueses e angolanos, que ultrapassam a língua em comum:

Voltou à literatura, aconselhando os outros a lerem Drummond de Andrade, na sua opinião o melhor poeta de língua portuguesa de sempre. Qual Camões, qual Pessoa, Drummond é que era, tudo estava nele, até a situação de Angola se podia inferir em sua poesia. Por isso vos digo, os portugueses passam a vida a querer-nos impingir sua poesia, temos de a estudar na escola, e escondem-nos os brasileiros, nossos irmãos, poetas e prosadores sublimes, relatando os nossos problemas e numa linguagem bem mais próxima de que falamos nas cidades. Quem não leu Drummond é um analfabeto (PEPETELA, 2000, p. 31)

### CONCLUSÃO

Relacionar Literatura e História é sempre um desafio, visto que a linha entre fantasia e realidade é tênue. Somos apresentados aos personagens do livro, cada um com suas vivências individuais, mas também temos como pano de fundo a decadência do colonialismo europeu e a efervescência das novas nações que surgem no continente africano.

Esta análise é extremamente relevante, pois nos mostra a perspectiva do colonizado e acima de tudo, nos traz motivos concretos para questionar as ordens vigentes. A presente pesquisa buscou enfatizar a importância de dar voz àqueles que por muito tempo foram silenciados, mas que nunca deixaram de lutar contra a crueldade e as arbitrariedades, seja pela

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

## Rio de Janeiro/RJ, 2021

preservação das tradições locais ou seja lutando com as mesmas armas que o colonizador, para manter sua integridade e a sua honra.

### REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. Debate: Literatura e História. Topoi, Rio de Janeiro, RJ: n° 1, p. 197 – 216.

DÁVILA, Jerry. Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950 – 80. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador, BA: Editora EDUFBA, 2008

FERREIRA, Eduardo de Souza. O fim de uma era: o colonialismo português na África. Lisboa: Sá de Costa, 1977

FREYRE, Gilberto. “Integração portuguesa nos Trópicos.” In FREYRE, G. Uma política transnacional de cultura para o Brasil de hoje. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Estudos Políticos / Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, 1960, pp. 65 – 117

FREIXO, Adriano. A crise do último império: a Guerra Fria e as décadas finais do colonialismo português (1945 – 75). Diálogos, vol. 22, n. 1, 2018.

SERRANO, Carlos M.H e MUNANGA, Kabengele. A revolta dos colonizados: o processo de descolonização e as independências na Ásia e na África. São Paulo, SP: Atual, 1995.

PEPETELA. A geração da utopia. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2000